

Metamorfose ambulante: entre o sujeito que pensa (pesquisador) e seu objeto de pesquisa

Walking Metamorphosis: between the thinking subject (researcher) and his research object

Metamorfosis ambulante: entre el sujeto que piensa (investigador) y su objeto de investigación

Norma Sandra de Almeida Ferreira¹
Lilian Lopes Martin da Silva²

Resumo

Alguns pesquisadores na área da educação se tornaram, nas últimas décadas, referências bibliográficas no campo da metodologia de pesquisa em cursos de graduação e de pós-graduação, em Educação, no nosso país. Suas obras estiveram disponíveis na forma impressa e mais recentemente em e-books para várias gerações de estudantes e pesquisadores. Mais recentemente, outros livros sobre metodologia de ensino emergiram com o intuito de discutir (sob ponto de vista da metodologia) a produção acadêmica na área da educação e divulgar os princípios e caminhos investigativos que vêm orientando os trabalhos de determinados grupos de pesquisa. Este texto pretende trazer alguns conceitos e modos de operar metodologicamente, além de algumas trajetórias de pesquisa que se constituíram como (olhares e sensibilidades) norteadores dos estudos que vêm sendo compartilhados no Grupo de Pesquisa “Alfabetização, Leitura e Escrita/Trabalho Docente e Formação Inicial” (ALLE/AULA), da Faculdade de Educação, Unicamp.

Palavras-chave: Metodologia de pesquisa; Educação; Leitura;

Summary

In recent decades, some researchers in the field of education have become key references in research methodology in undergraduate and graduate courses in Education in our country. Their works have been available in print form and more recently as e-books for several generations of students and researchers. More recently, other books on teaching methodology have emerged aiming to discuss academic production in the field of education from a methodological standpoint, and to disseminate the principles and investigative paths that have guided the work of certain research groups. This text aims to introduce some concepts and methodological approaches, as well as some research trajectories that have served as guiding perspectives and sensitivities in the studies shared within the Research Group "Literacy, Reading and Writing / Teaching Work and Initial Formation" (ALLE/AULA), at the School of Education, Unicamp.

Keywords: Research methodology; Education; Reading;

¹ Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Campinas/SP, Brasil.

E-mail: normasandra@yahoo.com.br - Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3078-2168>

² Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Campinas/SP, Brasil.

E-mail: lilian.lmsilva@gmail.com - Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7040-9878>

Resumen

En las últimas décadas, algunos investigadores en el campo de la educación se han convertido en referencias bibliográficas clave en la metodología de investigación en cursos de grado y posgrado en Educación en nuestro país. Sus obras han estado disponibles en forma impresa y más recientemente en libros electrónicos para varias generaciones de estudiantes e investigadores. Más recientemente, han surgido otros libros sobre metodología de enseñanza con el objetivo de discutir (desde el punto de vista metodológico) la producción académica en el área de la educación y difundir los principios y caminos investigativos que han orientado el trabajo de ciertos grupos de investigación. Este texto tiene como objetivo presentar algunos conceptos y enfoques metodológicos, así como algunas trayectorias de investigación que han servido como orientaciones y sensibilidades en los estudios compartidos dentro del Grupo de Investigación "Alfabetización, Lectura y Escritura / Trabajo Docente y Formación Inicial" (ALLE/AULA), de la Facultad de Educación de la Unicamp.

Palabras clave: Metodología de investigación; Educación; Lectura.

Estudos sobre metodologia de pesquisa

Alguns pesquisadores na área da educação, há décadas, se constituíram como importantes referências bibliográficas no campo da metodologia de pesquisa em cursos de graduação e de pós-graduação do nosso país. Estiveram disponíveis em livros nas formas impressas e mais recentemente em e-books para várias gerações de estudantes e pesquisadores. Praticamente únicas no período em que foram lançadas, *Metodologia do Trabalho Científico* de Antônio Joaquim Severino (1ª.ed. 1975) e *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*, (1ª.ed.1986) de Menga Lüdke e Marli André são duas obras que tiveram uma quantidade significativa de exemplares publicados, foram reeditadas com diferentes projetos editoriais (capas) e estão disponíveis em diversas edições nos sites para uma eventual aquisição atual por parte de interessados na temática.

A obra, *Metodologia do trabalho científico*, escrita por Severino, publicada pela primeira vez, em 1975³, talvez tenha sido uma das pioneiras no mercado editorial brasileiro destinada a oferecer uma iniciação teórica, metodológica e prática à produção de um trabalho científico para o público universitário. Elaborada em uma linguagem didática e direcionada àqueles que estão iniciando os estudos de caráter mais científico e construindo sua formação acadêmica na universidade, o autor declara na introdução da obra que dissertará sobre os elementos epistemológicos de fundamentação da ciência, seu procedimento metodológico e um conjunto de técnicas operacionais necessárias para implementação dos métodos de investigação científica, enfatizando a importância da leitura e da escrita e do debate como mediações importantes para a construção do conhecimento. Na apresentação, o autor se

³ Essa obra é publicada com exclusividade pela Editora Cortez há quase cinquenta anos. Em 2014, essa obra estava em sua 23ª edição e segundo o site da editora, a obra pode ser encontrada em sua 24ª edição - revista e ampliada-, na forma impressa e em e-book. Fonte: www.editora.cortez.com.br disponível 24/05/2024.

propõe a abordar diferentes modalidades de estudos e do trabalho científico que são desenvolvidas conforme focos e objetivos que as distinguem -, como por exemplo, monografia ou trabalho de conclusão de curso, dissertação de mestrado ou teses de doutorado, além de outros textos da escrita científica, tais como: relatórios técnicos da pesquisa, resumos, resenhas, ensaios teóricos e artigos – e de acordo com as exigências dos cursos de graduação.

Já em meados dos anos 80, Menga Lüdke e Marli André lançam o livro *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*, na Coleção “Temas básicos de educação e ensino”, manifestando uma breve crítica com as pesquisas de cunho positivista – com seus efeitos de causalidade e linearidade das variáveis, postura de neutralidade e generalização na relação do sujeito com o objeto de estudo, entre outros - majoritariamente desenvolvidas nas ciências físicas e exatas. Anunciam que a intenção das autoras é reunir, em uma única obra, novos métodos investigativos para responder a novos desafios que são próprios do campo da educação (e da escola) e dar centralidade ao pesquisador que participa da pesquisa e que assume um ponto de vista diante do trabalho a ser desenvolvido. Na apresentação, as autoras (1986) expõem seu intuito de oferecer um instrumento de trabalho a futuros pesquisadores que se aventurem em novas posturas diante da dimensão social da pesquisa (em educação) e em novas abordagens investigativas, tais como: pesquisa participante ou participativa ou ainda emancipatória; pesquisa-ação; pesquisa etnográfica ou naturalista; estudo de caso.⁴ Essa obra também tem sido reconhecida como necessária e inovadora desde a sua primeira edição⁵, tornando-se, nas últimas décadas, uma significativa referência no fortalecimento e vigor da abordagem qualitativa da pesquisa em educação.

Antes, ainda em 1982, Bogdan e Biklen haviam publicado nos EEUU a obra *Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos*, que também se tornou referência para a condução da pesquisa em Educação no Brasil, a partir da tradução portuguesa, em 1994.⁶ Organizada em sete capítulos, a obra trata de questões que fundamentam uma metodologia de pesquisa que enfatiza a descrição, indução e a percepção do sujeito, e funciona como manual para iniciantes. Surge para *ampliar o que se tinha até então no campo, dominado pelas questões de mensuração, definições operacionais, variáveis, teste de hipóteses e estatística* (p.11).

Mais recentemente, a partir dos anos 2000, com o aumento e consolidação de grupos de pesquisas em várias universidades do nosso país, outras obras do mesmo “perfil” foram emergindo. Com a intenção de apresentar novas abordagens, no veio das pesquisas

⁴ As autoras ressaltam que o mérito da obra é de reunir perspectivas metodológicas já divulgadas em periódicos e livros, mas que se encontravam dispersas, como por exemplo, as sobre: pesquisa participante Carlos R. Brandão (1981, 1984) e Pedro Demo (1986); abordagem etnográfica e estudo de caso (Marli André, 1978, 1984).

⁵ Foi possível identificar o número de 28563 citações dessa obra desde a primeira edição, no ano de 1986, até o momento. Lembrando que o acesso à obra se deu em um grande período de tempo exclusivamente pela forma de circulação do exemplar impresso. Site: <https://scholar.google.com/citations>, disponível em 24 de maio de 2024, às 11:59.

⁶ Robert Bogdan e Sari Biklen publicam originalmente *Quality Research for Education*, que ganhou tradução portuguesa pela Porto Editora na coleção Ciências da Educação.

qualitativas, no campo da educação, essas obras também se propõem à divulgação dos princípios teóricos e metodológicos que orientam os trabalhos realizados pelos pesquisadores em diferentes contextos investigativos. É o caso, da Coleção *Caminhos Investigativos*, que na forma de coletâneas de textos de diferentes autores, foi organizada por Marisa Vorraber Costa e publicada pela Ed. Lamparina e DP&A.⁷ Obras destinadas a contribuir com a produção do conhecimento, em que os pesquisadores, subvertendo modelos de pesquisa com visões totalizantes e generalizantes, apostam em uma postura inventiva, na construção de novos e possíveis caminhos metodológicos, na busca da singularidade e na interlocução da discursividade pelas frestas, desvios e vazios.

É também um exemplo desse tipo de coletânea, a denominada *Metodologia de Pesquisa científica: reflexões e experiências investigativas na educação*, organizada por Ronei Ximense Martins e publicada pela UFLA, em 2022. Segundo o organizador, as experiências de orientação dos professores/pesquisadores com estudantes de graduação e de pós-graduandos mostram a relevância de investir na formação de uma produção (crítica e reflexiva) do conhecimento científico e social e no exercício de uma postura rigorosa e criativa capaz de gerar novas compreensões sobre o objeto de estudo e operar com o já consolidado academicamente. A obra apresenta vários capítulos de diversos autores que abordam diferentes etapas dos processos da pesquisa - concepção, delineamento e desenvolvimento – em suas abordagens quanti-qualitativa e qualitativas. Também apresenta diferentes abordagens e tipos de pesquisas – *survey*, estudo de caso, história oral etc.-destacando as especificidades de cada uma, finalizando com orientações para a escrita de diferentes gêneros acadêmicos.

Não foi nossa intenção, inventariar aqui as obras que versam sobre metodologias de pesquisa dirigidas aos estudantes da graduação e pós-graduação, no intuito de dar sustentação e operacionalidade em suas produções acadêmicas. A escolha pelo conjunto aqui mencionado foi feita de acordo com a memória daquelas que estiveram mais próximas (por diferentes motivos) do universo de pesquisa das próprias autoras, embora saibamos que em uma busca bibliográfica muitas outras obras têm sido produzidas e alcançado um público significativo e suas finalidades. Do início dos anos 80 para hoje, novas áreas, novas abordagens e novas questões apareceram no campo e ganharam relevância.

Ao trazê-las, nos aproximamos do tema dessa reflexão e de certa forma, introduzimos nossos propósitos de escrita: apresentar olhares e caminhos teóricos-metodológicos percorridos por nós como orientadoras junto de nossos orientandos nas pesquisas produzidas no nosso grupo de pesquisa ALLE/AULA, da Faculdade de Educação, Unicamp.

⁷ Os três volumes foram publicados como *Caminhos Investigativos I: novos olhares na pesquisa em educação* e *Caminhos Investigativos II: outros modos de pensar e pesquisar em educação*, em 2002 e organizados por Marisa Vorraber Costa e o *Caminhos Investigativos III: Riscos e Possibilidades de pesquisar nas fronteiras*, em 2005 foi organizado além de Marisa V. Costa, também por Maria Isabel E. Bujes.

Um primeiro desafio

Nosso primeiro desafio junto aos estudantes que chegam a nosso grupo de pesquisa é problematizar o pensamento que prepondera em muitos deles: de que uma pesquisa científica precisa contemplar um tema importante ou problema espinhoso, ser original e estar apoiada na objetividade, na neutralidade, na distância entre o sujeito e o real, no recorte e na racionalidade em que sentimentos, impressões, envolvimento, intuições e conjecturas não têm vez.

Nosso esforço inicial é abrir espaço para um outro modo de pensar as relações entre a ciência e o mundo, o sujeito e o objeto, dando ênfase a outras importâncias como: verdades provisórias, incertezas, ética e política na condução das investigações; consideração ao imprevisível e ao acaso, à opacidade e às incertezas, e às necessárias ligações entre os processos vividos e os resultados alcançados.

Nosso ponto de partida não é o que pensamos saber sobre algo (tema) e queremos comprová-lo e defendê-lo no trabalho. Mas “inventar” ou fazer uma pesquisa que só é possível pela pergunta (pelo questionamento) que queremos formular ao que já sabemos. Pelo nosso desconfiar do “pronto”, daquilo que nos parece natural. Tudo depende das questões que a ele (ao que já sabemos) são colocadas e das relações produzidas ao longo do trabalho. Nem sempre tão produtivas quanto queríamos, nem sempre perenes e tampouco definitivas.

Vorraber (2001), dirigindo-se a pesquisadores em formação, elenca 12 pontos a serem considerados. Eles podem ajudar na caracterização da atividade tal como a defendemos:

Pesquisar é uma aventura, seja um bom detetive e não descuide de suas intuições; achados e resultados de pesquisa são parciais e provisórios. Não tenha a pretensão de contar a verdade total e definitiva; pesquisar é um processo de criação e não de mera constatação; A originalidade da pesquisa está na originalidade do olhar; O mundo não é de um único jeito. Desconfie de todos os discursos que se pretendem representativos da “realidade objetiva”; O novo não é necessariamente melhor do que o velho. Não deixe o mito do progresso perturbar sua pesquisa; O mundo continua mudando. Não cristalice seu pensamento; ponha suas ideias em discussão, dialogue, critique, exponha-se; A neutralidade da pesquisa é uma quimera. Pergunte-se permanentemente a quem interessa o que você está pesquisando; Ciência e ética são indissociáveis, lembre sempre de que não se pode fazer qualquer coisa em nome da ciência; Pesquisa é uma atividade que exige reflexão, rigor, método e ousadia. Lembre sempre que nem toda a atividade intelectual é científica; pesquisar é uma tarefa social. Divulgue sua pesquisa e procure conhecer as dos outros; A verdade ou as verdades são deste mundo. Lembre sempre que a humildade é uma virtude e não transforme seu saber em autoridade; os resultados de sua pesquisa são importantes. Seja um pesquisador engajado. (p.5-7).

Fazemos, com isso, da atividade de pesquisa um conjunto de vivências que carregam informações, e, também, ações – cognitivas e motoras – juntamente com habilidades,

sentimentos, valores. Que envolve conhecimentos de mim, do objeto, do mundo; conhecimentos esses que se constroem no diálogo com o outro, na acolhida do outro na/pela linguagem. São vividos pelo corpo todo porque nos transformam, cognitiva, emocional e socialmente e que nos constituem. Exercícios que nos atravessam na abertura que somos para novas ideias, outros sentimentos e acontecimentos. Que “convertem” nossos olhares e nos enraízam nesse mundo. Experiências de conhecimento.

Uma escuta que acolhe

Às vezes, a fala de uma estudante durante um encontro de orientação abre uma nova janela: “minha avó guarda a *Cartilha ABC* que ela usou no Nordeste, quando criança, até hoje. Ela mudou várias vezes de casa e levou consigo a sua *ABC*, já desgastada no tempo e até roída por ratos.” (Goulart, 2009). O que leva uma pessoa guardar um livro por toda sua vida? Por quê? Quem guarda?

Uma outra orientanda traz a informação de que a mãe é proprietária de uma locadora de livros na cidade (Campinas/SP) e se espanta quando desafiada a fazer desse local - sua história, seu acervo, seus leitores - um trabalho de investigação. Mas pode?

Às vezes um objeto impresso – um livro, manuscritos em uma pasta, caderno escolar - chega às nossas mãos como presente de uma orientanda ou em uma mala com livros que foram de uma vizinha que faleceu, e, diante deles começamos a fazer perguntas: o que é isto? Por que está aqui? De onde vem, por onde circulou, com quem, para quê? (Ferreira, 2012, 2014; 2017;). Sintomas de um passado. Que se transformam em ficção do presente. (Certeau, 2002).

Também acontece de nos envolvermos em pesquisas para alimentar desejos (da alma) em torno de algo que sempre esteve perto de nós, de nossas experiências e ainda não foi narrado, problematizado, trabalhado, enfim. É recorrente e necessária a preocupação com o que acontece no cotidiano da escola: leitura de livros digitais substituem os programas de livros impressos? Quais práticas de alfabetização estão sendo movimentadas? É preciso ter fôlego e dedicação para voltar-se à uma sala cheia de estantes e armários, nos quais se amontoam caixas e pastas com cartas e ofícios, recibos, inscrições em eventos, fotos, fitas cassetes, cartazes, objetos e impressos de todo tipo como folders, boletins, revistas, livros etc. Transformar isso tudo em documentos de memória. (Silva et.al. 2022; 2023). Ou voltar-se a anos de trabalho junto a professores, em torno de uma proposta de ensino e transformá-los e a seus registros em algo possível de ser pesquisado, problematizado, escrito, inteligível, comunicado. (Silva, 1994)

De qualquer modo, esses acasos e essas vontades, quase inexplicáveis, de conhecer, estudar e interpretar algo praticamente “desconhecido” ou algo tão “familiar” nos parecem valiosos e produtivos. Instigam e ganham, para nós, sentidos que vão se avolumando, intensificando e diversificando. Desencadeiam percursos inexatos, vividos com a emoção da

“descoberta” e mais do que resultados em que se encontra a suposta totalidade ou a explicação para o que se investiga, apresentam novas e outras perguntas.

Pesquisar: uma prática itinerante

A paisagem de uma pesquisa pressupõe uma maneira de caminhar que se inscreve em passos que são ora regulares, ora ziguezagueantes, ora previstos e planejados, ora refeitos sob suspeita. Conforme nos coloca Certeau (2002): “em história, tudo começa com o gesto de *separar*, de reunir, de transformar em ‘documentos’ certos objetos distribuídos de outra maneira” (p. 81), para recopiá-los, transcrevê-los, fotografá-los, descrevê-los, interrogá-los, gestos que desfiguram esses objetos, que os recolocam em outro lugar, em outro tempo e lhe dão novo estatuto. Cria-se um material para que ele constitua peças a preencher “lacunas de um conjunto proposto, a priori.” (Certeau, 2002, p. 81). Cria-se e dá-se uma certa inteligibilidade, construída na tensão entre quem o produziu e quem o interpreta, entre lugares e tempos, entre questões novas que se recolocam.

No processo investigativo há dois movimentos que queremos sublinhar: um primeiro é o de trazer para nós a “descoberta” de um material que estava esquecido ou perdido; inserido em um outro cenário; desprezado ou mesmo interdito, e aproximá-lo de nossas preocupações de pesquisa e do nosso interesse por determinados objetos de estudo: livros; leitores, lugares de leitura; práticas de leitura, memórias. Aproximá-lo dos nossos próprios projetos de pesquisa que buscam interrogar as concepções e formas que os objetos de leitura assumem, diversa e culturalmente, nas práticas realizadas por seus usuários e nos seus suportes de textos. Acolhê-lo para problematizar a produção, recepção, usos e circulação desse objeto e conhecer como se dá a relação dos leitores com ele, descrevendo as práticas que produzem sentidos nessa relação, observando-as, interrogando leitores, ou inferindo-as pela apropriação, sempre singular e criativa, que delas se produz. “Tornar visível o lugar presente onde a interrogação tomou forma, a particularidade do campo, do material e dos processos (...) que permitem analisar a operação escriturística e os desvios metodológicos que introduziram outras práticas (...)”. (Certeau, 2002, p.33).

Um segundo movimento é transformar um “dado” de realidade (um impresso, um lugar, uma prática ou uma fala) em documento possível de ser interrogado como um “sintoma” daquilo que o produziu, possível de ser apropriado por uma prática concreta: a investigação.

Os objetos sociais concretos ou imateriais (uma ideia, por exemplo) estão à nossa volta (à espera?) em um armário, em uma sala de aula, em um texto etc. mas a sua transformação em documentos é resultado de um conjunto de operações que compõem uma prática de imaginação calculada, disciplinada (científica), que analisa através de um olhar/escuta

vigilante, incansável e sensível, ao mesmo tempo, sobressaltado por imprevistos, acasos, incoerências, dúvidas.⁸

Eles exigem de nós, como sujeitos das pesquisas, um esforço tensionado em situá-los em sua especificidade e condições de produção, em seu enraizamento no tempo, no espaço, em seu significado numa determinada comunidade que os usa e os põe em circulação, dando-lhes sentido e finalidade. Eles demandam questões que nos permitam no presente da leitura e da análise construir um diálogo com o entorno, onde estão situados. Com aquilo que os tangencia. Que nos ajuda a vê-los nas relações que estabelecem com esse espaço silencioso, que se insinua cada vez que tentamos cercar, recortar ou retirá-los do seu lugar /tempo de “origem”. Esses objetos são tomados e tratados, então, como documentos de nossa pesquisa.

Tais documentos podem ser inseridos ao lado de outros (documentos) também isolados de seu mundo, para fabricar uma outra compreensão e inteligibilidade. A eles, é preciso colocar questões que o(s) façam falar. Que busquem a articulação entre um conteúdo (o que dizem) e a operação (prática) que os produz(iu).

E, qualquer que seja nossa opção diante desses documentos, ela nos põe questões que movimentam o nosso caminho investigativo para a produção do conhecimento, exigindo o acercamento desse material, o apuro de sua problematização, o rigor e a desconfiança no seu tratamento e operações que lhe dão sentido, pois a própria ciência, de certo modo, é uma construção fictícia, provisória, cercada de seriedade, mas elaborada a partir do ponto de vista de quem estuda, possível de ser revista e avaliada pelas “leis do meio” (acadêmico). (Certeau, 2002, p. 72).

Tomemos como exemplo, a conferência⁹ de Paulo Freire no 3º Congresso de Leitura do Brasil, em 1981. Ela se encontra escrita no Caderno de Resumos (Anais) do Congresso, mas também está gravada em sua totalidade e arquivada no Centro de Memória da Educação da Faculdade de Educação da Unicamp, tendo sido transcrita por Larissa S. Oliveira em 2021.¹⁰ Como singularizar uma possível compreensão dessa icônica conferência em uma pesquisa¹¹? Com quais finalidades investigativas? Qual tratamento (invenção) metodológico funcionará melhor na produção de sentidos sobre ela?

⁸ Lembrando que as condições de produção dos documentos são sempre criadas (intencionalmente) pelos homens de determinados lugares sociais, que disputam (mais ou menos explicitamente) posições num jogo de relações de poder, no campo das práticas discursivas, que inclusive mobilizam representações pelas quais os indivíduos interpretam o mundo e a si mesmos. (CHARTIER, 1990; CERTEAU, 2002).

⁹ *A Importância do Ato de Ler* – Conferência de Abertura do 3.º COLE in RESUMOS DO 3.º COLE, FE, 1981

¹⁰ Coletivo Paulo Freire - Cem Anos de Paulo Freire, Cem Vozes de Corações e Mentes [livro eletrônico] / Coletivo Paulo Freire. - São Paulo: Edição Coletivo Paulo Freire, 2021.

¹¹ Diante dessa gravação ou de sua transcrição, quer no tratamento dela como fonte ou objeto de pesquisa, as questões e as operações para compreendê-la, levam em conta não só o que está nela dito (seu conteúdo), mas exigem considerá-la em sua configuração composicional em relação à temporalidade e situação em que ela foi produzida, ao discurso que a constitui e que lhe atravessa pelo que está fora dela mesmo e, ainda, pelo suporte que a sustenta materialmente.

Um modo de lidar com essa conferência poderia ser tomá-la como uma **fonte**, com a intenção de usá-la para compor o nosso objeto de pesquisa. *Imaginemos que estejamos querendo compreender o pensamento de vários educadores emblemáticos no campo da alfabetização.* Temos diante de nós um documento – uma conferência de Paulo Freire, situada e datada – que tomado como fonte poderia ser inquerido com questões, entre outras, como: O que é alfabetização para ele, naquele momento? Como interpretar e inferir o pensamento de Freire sobre a alfabetização no nosso país, nessa conferência que é considerada uma das primeiras proferidas por ele, assim que chegou do exílio?¹² Que concepções de alfabetização orienta(m) o seu dizer, as ideias, argumentos, definições formuladas ao longo da palestra? De que modo ele faz isso e por quê? Que ideias se repetem, se reforçam, são mais desenvolvidas, argumentadas, lacunares ou evasivas em torno do que ele propõe como alfabetização? Por quê?

Quais são os interlocutores, com os quais Freire dialoga por aproximação ou contrapondo-se quando ele se refere à alfabetização? E, assim, essa conferência, incorporada na questão principal da pesquisa, seria uma das fontes a serem utilizadas para a configuração do nosso objeto de investigação: um pensamento sobre alfabetização (incluindo o de Paulo Freire, mas não só), em determinado período, no nosso país.

Diferente disso, é enfrentar essa mesma conferência como nosso **objeto de pesquisa**. Segundo Lopes e Galvão (2001), novas fontes (o livro escolar, o mobiliário, a arquitetura de uma escola etc.) têm sido incorporadas pelas pesquisas mais recentes e tratadas como o próprio objeto da investigação. Esses objetos escolares, por exemplo, não são utilizados como fontes apenas para que o pesquisador se aproxime de um aspecto da realidade que se propôs a investigar, “(...), mas eles próprios – em suas condições de produção (e de circulação), seus usos, nas transformações por que passaram ao longo do tempo – passam a interessar, pois dizem também sobre um passado educacional.” (p. 82).

Façamos, então, um outro esforço de imaginação para fazer da conferência (gravada) de Paulo Freire denominada “A importância do ato de ler”, no 3º. COLE em 1981, nosso **objeto de pesquisa**. As questões a ela colocadas se voltam para compor uma visão do próprio objeto, como por exemplo: Quando, como e onde foi proferida essa conferência? Que hipóteses podem ser construídas a respeito do gênero – conferência – quanto a sua permanência ou transformações sofridas ao longo das realizações dos COLEs? Por quê? O quanto esse modo de comunicar e de compartilhar suas ideias se inscreve nas próprias concepções de Paulo Freire sobre educação? Quais mudanças ou aproximações podem ser investigadas na comparação das diferentes versões dessa conferência, quando gravada, quando transcrita, quando publicada nos anais desse COLE e, depois, na obra com o título homônimo e que se tornou referência no campo da educação? Quais são as temáticas apresentadas nessa conferência? O que seu autor quis destacar, desenvolver, tangenciar ou

¹² Paulo Freire esteve exilado, de 1964-1979, por perseguição política do regime militar (1964-1985) no nosso país.

deixar lacunar em relação às ideias que apresentou, naquele momento ou em outras situações em que ele as expôs? Que hipóteses podemos elaborar para compreender as razões que o levaram a dizer sobre isso, no modo que disse? Que representações de ouvintes/leitores e de suas práticas de escuta/leitura podem ter orientado seu modo de criação/escrita? Que indícios ela nos traz sobre as apropriações dos ouvintes/leitores, naquele momento? Quais estratégias e prescrições vêm das próprias formas como esta conferência foi elaborada para ser ouvida? Quais os interlocutores (explícita ou implicitamente) que a forjam e nela estão inscritos? Como interrogá-la pela sua configuração composicional (que ultrapassa o textual) pressupondo a luta de concorrências e poder dos grupos que a produziram? Com o que ela dialoga, se contrapõe, interroga, propõe ou denuncia naquilo que diz? O que nela está que, também, está fora dela? Como ela nos ajuda a compor o pensamento freiriano sobre educação/alfabetização? Como essa palestra poderá trazer mais e diversas possíveis compreensões sobre as ideias de Freire, problematizando o já conhecido, comparando, distinguindo, localizando o recorrente, as ênfases, atentando-se pelas ausências, inferindo por algumas marcas do discurso etc.?

O que estamos querendo destacar é a importância do pesquisador articular questões a seu interesse investigativo; formular perguntas a seu problema de pesquisa, quer quando a intenção é aproximar-se de um aspecto da realidade para que ele o ajude a conhecê-lo, quer quando a fonte se torna o próprio objeto de conhecimento. Nesses embates, situam-se sujeito e objeto. Ambos, imersos num tempo e numa cultura, com os quais se relacionam. Ambos, permeados de tensões e de historicidade, o que lhes confere e, também, ao resultado desse encontro, provisoriamente.

De qualquer forma, um documento inquerido como fonte e/ou objeto de pesquisa, uma vez lido, interpretado e interrogado, amplia nossa visão sobre um determinado conhecimento, colocando em xeque algumas hipóteses e “convicções” porventura anteriormente assumidas. E nos põe no caminho (ou no desvio) investigativo, acompanhado de nossos interlocutores, nossas temáticas de interesse, dos demais documentos reunidos, das visitas realizadas a arquivos.

A prática itinerante da pesquisa, uma vez realizada, pode trazer o outro que faz parte de nós, pela tradição, pelo estudo, pela companhia. Garante ao sujeito que pesquisa “ [...] uma espécie de rede coletiva formada pela história e pela cultura.” (Cardoso, 1998, p.348).

A pesquisa, nosso canteiro de obras

O pesquisador coloca-se diante de um “imenso canteiro de obras” provocado pelas questões que não cessam de aparecer ao longo do seu trabalho e de sua própria intervenção. “Trabalha sobre um material para transformá-lo em história”. (Certeau, 2002). Movimenta uma “operação técnica”, cujos modelos de análise se colocam atentos às micro diferenças e concentram a atenção nos minúsculos espaços de jogos que táticas silenciosas e sutis ‘insinuam.’ (Giard, 1998, p.19)

A pesquisa se transforma, assim, em um território de busca, nosso canteiro de obras (Certeau, 2002). Nesse canteiro, realizamos um movimento que remexe, desloca, joga fora ou junta outros tantos elementos, altera a ordem das coisas de forma a dialogar com questões insistentemente (re)postas às fontes/e ou objeto de nossa pesquisa. Um fazer (de operário) que, encontrando um campo a (re) mexer e algo a construir, faz e enche buracos, cria pontes entre vazios, seleciona e trabalha outros materiais e ferramentas diante das condições do terreno, seguindo e/ou se desviando do projeto inicial.

São muitas e diversas as operações. De (re) leituras, na forma integral, de todo o material. De transcrição, cópia, comentário. De dúvida, interrogação, curiosidade. De decomposição do todo em fragmentos possíveis de serem agrupados, diferenciados, aproximados, cruzados, confrontados, organizados em “categorias” de análise. Operações que o tempo todo, exigem do pesquisador cuidado, paciência, perspicácia, rigor, criatividade, sensibilidade e coerência. Mas também entram nesse jogo, operações intelectuais guiadas pelo imponderável, como “faro, golpe de vista e intuição” (Ginsburg, 1989, p. 179). Para uma realidade opaca e não transparente, não experimentada diretamente e tampouco observável na conexão de seus elementos é preciso produzir um conhecimento indireto que vai da “leitura” da parte para o todo, do efeito para a causa, do marginal para nuclear: “[...] no vasto território do saber conjectural”.” (Ginsburg, 1989, p. 155).

Um conjunto de operações mentais complexas que envolvem a percepção, observação, apreciação, análise e interpretação de dados aparentemente marginais que podem nos saltar aos olhos, em uma leitura mais atenta (ou conjunta) do material que temos em mãos. Normalmente imperceptíveis ou negligenciados em alguns momentos da pesquisa, eles podem ser apreendidos “com rapidez fulminante” (Ginsburg, 1989, 151), por algum motivo: pela estranheza de estar ali, pela ausência de uma relação visível entre eles e o que pesquisamos, por não serem repetíveis e nem numericamente expressivos, por não serem generalizantes e óbvios.

De qualquer modo, a pesquisa transforma uma conexão que parecia impossível entre os elementos em uma explicação construída na interpretação das “pistas mudas deixadas pela presa”¹³ (Ginsburg, 1989, p.152). Uma produção coerente de sentidos e plausível de ser narrada pelo pesquisador.

A cada encontro de orientação ou de estudo, a pesquisa vai se fazendo em uma prática que transforma o “desconhecido” em algo familiar, o conhecido em algo interpretável. Tantas vezes, um (mesmo) material remexido, revisitado, lido e analisado, interpretado e interrogado

¹³ Ginsburg (1989) distingue a análise de pegadas, astros, galhos quebrados, pulsações, córneas etc. (sinais da natureza inanimada ou viva) do exame das escritas, pinturas ou discursos (produções culturais). A primeira faz parte do saber fundado em uma não formalização e abstração, que nasce da concretude da experiência. A análise da escrita/pintura/discurso envolve a semiótica, em que o pesquisador busca em um sistema de signos culturalmente produzidos, uma interpretação das marcas (sinais, índices) individualizadas que são introduzidas “no discurso às vezes sem intenção, ou seja, sem se aperceber”. (p.171).

pelo pesquisador. Para quê? Para tornar o campo lavrado, familiar a quem o frequenta, reconhecível por quem o deixou “pronto”, habitável por outros.

Ainda, uma prática itinerante, móvel, criativa e disciplinada pelos interlocutores que caminham ao nosso lado, pelas questões que nos movem, pela provisoriedade dos “achados” e dos “canteiros” feitos: invenção de um método que produzido naquelas condições (e não outras) é constituído de uma singularidade (autoria). Um método que precisa ser descrito e narrado (com explicações, informações, justificativas) de acordo com as exigências acadêmicas e tendo em vista a comunidade de leitores a que se destina.

Para nós, fazer pesquisa remete a essa prática (concreta) capaz de gerir um campo próprio de um fazer, cujo sentido remete à realidade, mas que dela também se distingue em vista de fabricá-la na complexidade do presente (Certeau, 2002).

E a pesquisa também se faz na escrita

Escrever a pesquisa é diferente de vivê-la. Mas não menos importante. Essa escrita pode, e deve ser vivida concomitantemente às operações investigativas. Enquanto as realizamos, escrevemos notas, procuramos garantir os registros dos movimentos de nosso pensamento acerca daquilo que está sendo pesquisado. Explosão de vozes, opções, itinerários, dúvidas, “convicções”. Praticamos essa escrita em pequenos momentos de recolhimento. Queremos lembrar. Somos assombrados por fantasmas que vão e voltam. Que perturbam a aparente solidão. Esses momentos se alternam com outras operações e práticas, da investigação e de nossa vida.

Ao final do processo investigativo, desejamos e precisamos compartilhar o produzido (a própria pesquisa), cumprindo, assim, a função social e ética do ato investigativo. Escrever uma tese ou dissertação é uma prática legitimada e esperada, que se faz pela linguagem e traz para os leitores fragmentos/registros do que foi vivido, pensado e analisado, todos articulados num arranjo que se pode compreender e que ganha poder sobre a exterioridade de onde aquilo tudo foi retirado, de suas circunstâncias, seu entorno, por vezes caótico e indisciplinado. Trata-se de garantir a todos o acesso ao processo que se vivenciou e àquilo que se conheceu. Agora, com a linguagem escrita, pela ordem por ela criada.

Colocamo-nos, então, com determinação, como sujeitos (autores) dessa escrita, reunindo, selecionando, combinando, significando fragmentos do processo vivido e (incessantemente) analisado por nós. Administramos a página em branco - espaço delimitado e distinto – e, sobre ela, realizamos gestos físicos e mentais, num trajeto ora cambaleante, ora cartesiano, fabricando, com aquilo que foi recolhido pela investigação, um mundo novo, que precisa tornar-se independente. Articulamos, pela linguagem um lugar social da operação científica e institucional e uma prática (uma operação). Passamos da prática investigativa à escrita dessa prática.

Embarcamos numa experiência de linguagem que se distingue da pesquisa concreta e cria um discurso próprio para contá-la. Oferecemos, através da escrita da pesquisa, de nosso relato, uma representação de nosso objeto de investigação. Mas não necessariamente, esse relato obedecerá a ordem cronológica do vivido. Muitas vezes, essa ordem é subvertida. A escrita tem uma economia própria. No presente da escrita, a ordem do relatado é conduzida, com rigor científico, para dar clareza, coesão e coerência ao processo e para construir uma inteligibilidade do próprio objeto de pesquisa.

Uma escrita é sempre acompanhada de uma reescrita. Esse ato de reescritura, de retomada pela leitura daquilo que se escreveu, provoca, antes de mais nada, o diálogo do sujeito-autor com seu produto-criado, permitindo um relacionamento mais interativo com seu próprio texto (confrontamento, aguçamento e inclusão/exclusão de enunciados). Nossos primeiros leitores - orientador e/ou colegas do grupo de pesquisa - nos conduzem em nossas sucessivas reescritas do que planejamos contar, nos ajudando a encontrar o tom certo e a forma mais adequada; oferecendo sugestões; apontando imprecisões, ambiguidades, e qualquer outro problema no texto que dificulte a comunicação que desejamos. Ajudam o texto a ser um lugar “desenfeitado” das ambiguidades do mundo. (Certeau, 1994, p 225) O passado do fazer a pesquisa se vê presente na escrita da prática e na leitura do texto pelos leitores. Garantimos com isso, que o isolamento, o recolhimento e a individualidade que costumam marcar a prática do escrever, torne-se também coletivo e colaborativo.

Escutamos (com) o(s) outro(s) os nossos “achados”, de maneira a compreendê-los como resultantes da relação entre um lugar (de onde eu falo, de onde eles vêm, das operações e procedimentos de análise) e a construção de um texto (relato). Combinação de um lugar social, de práticas “científicas” e de uma escrita. (Certeau, 2002 p. 66).

Nosso trabalho, como orientadores, é fazer companhia nessa empreitada. Não apenas, avaliar e julgar, mas ouvir e escrever junto, colocando-se lado a lado com o sujeito que escreve. Criamos na escrita, uma narrativa conduzida sob um ponto de vista: o nosso. Fabricamos um novo mundo com o que recolhemos durante o processo de investigação. Preenchemos lacunas para esconder as faltas, construímos “pontes” entre ações, informações, dúvidas, dados, questões buscando uma visão de plenitude do que se narra. Perdemos coisas, deixamos de dizer, argumentamos em favor de algo, reforçamos um outro tanto. Inspirados pelos nossos interlocutores sem perder de vista nossos leitores.

As linhas que compõem o relato não são puramente lineares, sequenciais ou causais. Busca-se articulação ou fugas, movimentos de encontro, mas também de desencontros. Agenciamento de forças que estão, ao mesmo tempo, para a convergência das partes compondo um organismo, uma totalidade significativa, mas que se desfazem na totalidade, misturadas e entrecruzadas de multiplicidades; continuidades e rupturas, intensidades, pontos de fuga, conexões múltiplas, anéis abertos que não começam, não concluem, mas que estão ao meio, em relação com outras coisas, mil coisas, impossíveis de serem indeterminadas.

Para ir terminando...

Esse texto nasce de uma vontade antiga de organizar pela escrita a prática da pesquisa que vimos desenvolvendo como orientadoras há bastante tempo. Quisemos reforçar alguns propósitos que insistentemente orientam o nosso trabalho, algumas práticas, sem, no entanto, esgotar o assunto, que no diálogo e no encontro com cada orientando se renova, se alimenta e se transforma. Nesse sentido, entregamos algumas ideias, preocupações, caminhos, vontades. Trazemos, como exemplos, algumas pesquisas do nosso grupo. Aquelas que saltaram de nossa memória, no momento da escrita desse texto. Mas que estão ligadas ao conjunto dos nossos trabalhos que vão de delineando como leituras do vivido, dos acasos, dos achados, dos buscados, dos registrados por nós. São caminhos já percorridos por outros e na construção de novos percursos.

A objetividade e o distanciamento de um pesquisador são categorias que não se aplicam, em nosso entendimento ao processo de lidar com nossos objetos de estudo, com as fontes trabalhadas, com a análise empreendida no material.

Somos sujeitos, donos de um olhar, educado cultural e academicamente, mas nem por isso “fechado” em si mesmo, em busca de algo já previsto, calculado, aplicável a partir do teorizado a priori. Temos insistido em nosso grupo que, conforme Cardoso (1988), somos sujeitos que cortamos contínuos, que escavamos, que perscrutamos, que nos colocamos na posição de indagar o mundo. “Não é o olhar que (pensa), que põe questões no mundo” (Cardoso, 1988, p. 350), como não é o mundo que se impõe ao olhar. É o mundo que se pensa por que ele é constantemente aerado e fermentado, escavado pelo pensamento e pela penetração do olhar. Metamorfose alquímica entre vidente e visível, entre sujeito e o que se olha.

Assim, sob a inspiração desses autores e suas visões que convidam à não hierarquia, à não didática, à não método, mas ao acercamento, às aproximações, sondagens, aberturas de picadas, foi possível escrever esse texto, que se quer aberto para acolher outras vontades.

Referências

BOGDAN, Robert E BIKLEN Sarj. **Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos.** Porto Editora. Portugal. 1994.

CERTEAU, Michel. **A escrita da história.** Trad. Maria de Lourdes Menezes, 2ª.edição. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2002.

CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano.** Trad. Ephraim Ferreira Alves – Petrópolis, RJ: Vozes, 1994

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações.** Tradução de Maria Manuela Galhardo. 2. edição. Lisboa: DIFEL, 2002.

COSTA, Marisa. (org.) **Caminhos Investigativos I: novos olhares na pesquisa em educação.** Porto Alegre, RS, DP&A Editora, 2002

COSTA, Marisa Vorraber (org.). **Caminhos Investigativos II: Riscos e Possibilidades de Pesquisar nas Fronteiras.** Porto Alegre, RS, DP&A Editora, 2002.

COSTA, Marisa Vorraber; BUJES, Maria Isabel E (org.) **Caminhos Investigativos III: Outros Modos de Pensar e Fazer Pesquisa em Educação.** Porto Alegre, RS, DP&A Editora, 2005.

FERREIRA, Norma Sandra A. Páginas Infantis – para ouvir, declamar, imprimir no espírito. In: ROSA, Maria Cristina. **Escritas, leitores e história da leitura.** Pelotas, Editora da UFPel, 2012, p. 141-168.

FERREIRA, Norma Sandra A. **Um estudo sobre ‘Versos para os pequeninos’ – um manuscrito de João Köpke.** Tese (Livre docência, área Educação, Conhecimento e Arte), 2014, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas – SP.

FERREIRA, Norma Sandra A. **Um estudo sobre ‘Versos para os pequeninos’ – um manuscrito de João Köpke.** Campinas, SP. Mercado de Letras, 2017.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida; SILVA, Lilian Lopes Martin da Silva. Relato: jogo entre presente, passado, futuro. In: **Na ponta do lápis.** Olimpíada de Língua Portuguesa. São Paulo, SP. CENPEC, ano VIII, número 19, março de 2012.

GIARD, Luce. História de uma pesquisa. In: CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano, artes de fazer.** Trad. Ephraim Ferreira Alvezm. Petrópolis. RJ: Vozes, 1994. p.9-32.

GINSBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história.** Trad. Frederico Carotti. São Paulo. Companhia das Letras, 1989

GOULART, Ilsa do Carmo Vieira. **O livro: objeto de estudo e de memória de leitura.** 2009. 191f. Dissertação (Mestre em Educação), Faculdade de Educação - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

LOPES, Eliana Marta T.; GALVÃO, Ana Maria de O. **História da educação.** Rio de Janeiro, DP&A, 2001.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. **A. Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986

MARTINS, Ronei X. (org.) **Metodologia de pesquisa científica: reflexões e experiências investigativas na Educação.** Lavras: Editora UFLA 2022.

OLIVEIRA, Larissa de Souza. **Os espaços de leitura nas páginas do Congresso de Leitura do Brasil - COLE (1978-1993)**. 2018. 1 recurso online (124 p.). Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo; Cortez, 1975.

SILVA, Lilian Lopes Martin da; OLIVEIRA, Luciane Moreira; TAKAMATSU, Sonia Midori. ALB: memórias – entrecruzar tempos e textos. In: **Revista Ponto** - publicação literária e cultural do SESI, São Paulo, p. 59 - 67, 06 jun. 2014.

SILVA, Lilian Lopes Martin; OLIVEIRA, Luciane Moreira (orgs.). **Congresso de Leitura do Brasil: catálogo de fontes (1978-1995)**.

<https://www.bibliotecadigital.unicamp.br/bd/index.php/detalhes-material/?code=109958>

Acesso em 24 jul. 2023.

*Recebido: julho/2024.
Publicado: novembro/2024.*